



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 14

Estados alterados

Branca Vianna: Está começando mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

O episódio dessa semana é sobre estados alterados. Você vai reparar que eu mesma estou num estado alterado, com essa voz que eu estou. Eu já gastei todos os testes de COVID na farmácia da esquina e não é isso, mas a coisa tá bem chata.

Mas hoje a gente não vai falar de doença. A gente vai falar de períodos de exceção — em que as pessoas não se comportam como elas se comportam normalmente e as coisas ficam de pernas pro ar. Nada mais apropriado pro Carnaval, né? Que é o período por excelência dos estados alterados.

A gente vai até falar de um Carnaval bem peculiar, no segundo ato. Mas, agora, no primeiro, o Tiago Rogero traz um relato de um estado alterado de outra natureza.

ATO1

Tiago Rogero: A história que eu vou contar hoje começa com outra história.

Marcos Ramos: Ó, essa história, ela começa em 84.

Tiago Rogero: E essa primeira história veio de um ouvinte aqui do Apresenta, o Marcos Ramos.

Marcos Ramos: Os meus avós, eles viviam em um condomínio de classe média.

Tiago Rogero: Em Vitória, capital do Espírito Santo.

Marcos Ramos: Um condomínio recém-construído.

Tiago Rogero: Hoje o Marcos é professor da Universidade Nacional da Colômbia, em Bogotá.

Marcos Ramos: Eu sou professor de literatura brasileira. Trabalho com investigação em literatura brasileira e música popular brasileira e temas ligados às culturas da diáspora africana no Brasil.

Tiago Rogero: Mas ele cresceu no Espírito Santo.

Marcos Ramos: O meu avô chamava Carlos Augusto Ramos Duarte. Ele tinha concluído dois cursos superiores na época, o que era muito incomum, e naquele momento ele era gerente do banco do Banestes, o Banco do Espírito Santo. A minha avó, ela chama Maria Helena do Amaral Ramos, ela ainda é viva. E ela tinha uma formação no magistério, né? Ela chegou a atuar como professora no interior, mas naquele momento ela não trabalhava mais fora de casa porque eles viviam uma situação financeira muito confortável.

Tiago Rogero: A avó dele tinha 37 anos. O avô, 35. Eles já tinham dois filhos adolescentes.

Marcos Ramos: E eu diria que o ponto zero, digamos, uma espécie de marco de origem da história que mudaria um pouco a trajetória da minha família aconteceu, foi numa quarta-feira de 1984.

Tiago Rogero: Uma quarta-feira. Era um dia normal na vida do casal, até o jantar. Quer dizer, até depois do jantar, quando ficaram só os dois sozinhos na mesa.

Marcos Ramos: O meu avô olhou pra minha avó e pediu um cachimbo. Esse gesto foi absolutamente estranho a tudo que eles já tinham vivido juntos.

Tiago Rogero: A primeira coisa estranha é que o avô, o Carlos, não fumava cachimbo. A segunda foi a forma como ele pediu.

Marcos Ramos: Foi uma espécie, um misto de acento interiorano e sotaque estrangeiro, ele disse assim: "A senhora me dê uma cachimba". Bom, naturalmente, a reação da minha avó ali foi a menos natural possível, ela nunca tinha passado por aquilo. E a primeira coisa que ela disse foi: "Desde quando você fuma cachimbo, Carlinhos?".

Tiago Rogero: O Carlos tava se comportando como se fosse outra pessoa.

Marcos Ramos: Ali, naquele momento, ela intuiu que o que se passava ali na sua frente era alguma coisa dessa natureza espiritual.

Tiago Rogero: A avó do Marcos, a Maria Helena, concluiu que quem tava na frente dela não era mais o Carlos. Ou então que não era mais só o Carlos.

Marcos Ramos: E a pergunta dela, então, foi a seguinte: "Quem está falando comigo?". E esse alguém ali incorporado, ali na frente dela, na mesa de jantar,

disse que não diria o nome naquele momento, mas que voltaria na próxima quarta-feira e queria a tal cachimba e uma pemba.

Tiago Rogero: "Cachimba" é de cachimbo mesmo, de fumar. "Pemba" é um giz grande. Bom, mas em algum momento naquela noite o Carlos voltou ao normal e eles foram dormir.

Marcos Ramos: Entre uma quarta-feira e outra, nesse intervalo, a minha avó, ali naquele condomínio que eles moravam, ela procurou ajuda com as pessoas que ela sabia que conheciam um pouco do assunto. Havia um casal de amigos da família que morava no mesmo condomínio. Inclusive é o único casal de amigos negros que eu me lembro que eram amigos dos meus avós.

Tiago Rogero: Ah, sim, o Marcos é branco. Os avós dele também. Esse casal amigo, os dois eram negros.

Marcos Ramos: Eles eram cariocas, moravam ali no Espírito Santo, em Vitória, mas eram cariocas e frequentavam um terreiro no Irajá, no Rio.

Tiago Rogero: O casal amigo ajudou a Maria Helena a conseguir a pemba e o cachimbo. Na quarta-feira seguinte, no mesmo horário, lá tava ela de novo na frente do marido.

Marcos Ramos: Com um cachimbo e com a pemba na mão, a minha avó esperou a chegada da entidade. E a essa altura, ela já tinha aprendido essa palavra com os vizinhos, com os amigos, "entidade". A entidade não decepcionou, apareceu. Com a pemba ela riscou, a entidade riscou no chão aquilo que depois a minha avó viria a saber que se chama um ponto riscado. Um desenho. E esse ponto riscado é o que servia pra identificar essa entidade. E era o ponto riscado de uma entidade chamada São Cipriano das Almas. No dia seguinte, na quinta-feira, a minha avó relatou o que tinha acontecido na noite anterior pra esse casal, e ambos sugeriram então uma visita ao terreiro em Irajá. Pegaram o carro, foram ao Rio de Janeiro. O

terreiro que eles frequentavam, no Irajá, tinha como zeladora, mãe-de-santo, uma mulher que se chamava Maria Helena Ramalho.

Tiago Rogero: A mãe-de-santo tinha o mesmo nome da avó do Marcos. Maria Helena.

Marcos Ramos: E, como de praxe, o que aconteceu foi que a primeira ação da mãe-de-santo ao receber meus avós foi fazer um jogo de búzio, né? E pra completa surpresa da minha família, o jogo de búzio dizia que a minha avó tinha uma missão no santo.

Tiago Rogero: A vó do Marcos deveria se tornar ela mesma uma mãe-de-santo.

Marcos Ramos: E o meu avô precisava ajudá-la a abrir uma casa, um terreiro. A dona Maria Helena Ramalho leu também nos búzios que meus avós deveriam naquele momento voltar à Vitória, pegar as coisas e ir pro Rio de Janeiro, mudar de vida radicalmente. Então durante um ano meus avós, meu pai, meu tio, frequentaram semanalmente o terreiro da dona Maria Helena Ramalho, no Rio de Janeiro. Chegaram a passar longos períodos lá pra aprender tudo que diz respeito aos mitos, aos ritos daquela religião. A religião não era Candomblé propriamente dita, não era Espiritismo, também não era exatamente Umbanda. Era uma mistura de elementos provenientes de tudo isso e se chamava Omolocô.

Tiago Rogero: O Omolocô, assim como a Umbanda e o Candomblé, é uma religião afro-brasileira. E carrega vários elementos em comum com essas duas outras religiões.

Marcos Ramos: Pra encurtar a história: meus avós acreditaram nos búzios fizeram tudo o que foi dito pela Dona Maria Helena Ramalho, tudo que foi necessário ser feito. E em 1985, eles abriram um terreiro que foi intitulado Centro Espírita Pai Cipriano, no interior do Espírito Santo, na região rural de Santa Teresa.

(Sons de tambor e de pessoas fazendo uma saudação)

Voz masculina canta: Tava numa casa de palha.

(Sons de tambor)

Tiago Rogero: Isso que você tá ouvindo é uma gravação da festa de inauguração do terreiro, em abril de 1985. O som não tá lá essas coisas porque é uma gravação de quase quarenta anos atrás, uma fita VHS.

Marcos Ramos: E em pouco tempo eles tinham um número muito grande de adeptos. Tinham ônibus que saíam de Vitória e iam pras festas no terreiro, mais de 150 quilômetros de distância no interior do Espírito Santo. Eu nasci em 88 e os anos que a gente viveu no terreiro foram nessa fazenda, nessa roça de santo, foram os anos fundamentais formativos pra mim e pra minha memória de infância. E tal como o filho que fica meio que olhando o pai diante da terceira margem do rio, eu sou aquele que ficou com a bagagem da família. E literalmente, eu tenho todo o espólio dessa época, que inclui gravações, fotografias, cadernos, diários inúmeros, que inclui atas de reuniões de giras.

Tiago Rogero: O Marcos tem até a gravação do batizado dele e de uma outra criança, em 89. Quem fez a cerimônia foi o Pai Cipriano, incorporado no avô do Marcos.

Marcos Ramos: Eu lembro que na minha adolescência tinham aqueles programas de TV a cabo sobre os mitos e ritos considerados exóticos. Mas era uma espécie de freak show. Eu tinha uma relação muito ambígua com aquilo, porque eu assistia. Por um lado, aquilo me interessava profundamente, porque eu entendia que o meu cotidiano, é, não era tão diferente assim, porque eu acordava, via a minha avó incorporada 10 horas da manhã tomando cachaça, fumando charuto e dando conselho pras pessoas. Por outro lado, o modo como aquelas dinâmicas do sagrado eram

tratadas me desagradava muito. Era aquele olhar sempre colonizador sobre a, uma prática supostamente primitiva.

Tiago Rogero: Não sei se você já viu esse tipo de vídeo, mas geralmente tem uma estética toda voltada pro exótico, pra tentar despertar no telespectador um interesse pelo bizarro. E, na contramão disso, tem os vídeos do terreiro dos avós do Marcos, esses dessas gravações que você tá ouvindo.

Eu vou contar uma rápida anedota pessoal. O meu pai gostava muito de parafernalias tecnológicas. Então desde antes d'eu nascer ele já tinha filmadora. Daí hoje em dia a gente tem fita de tudo quanto é festa de família. E eu não sei o quanto que a estética "festa de família nos anos 80 e 90" comunica pra você.

Vendo os vídeos das celebrações no terreiro dos avós do Marcos, foi exatamente isso o que eu pensei. Os cortes de cabelo, as roupas. Adultos, idosos, crianças, criança pequena dormindo no colo da mãe durante a celebração, como eu às vezes fazia na igreja católica quando minha mãe me obrigava a ir.

No fim das contas, os vídeos que o Marcos me mostrou se resumem a isso: gente professando a própria fé, numa boa. Só que, se for um jeito de professar a fé diferente do padrão branco e cristão; com tambor, com dança e com incorporação, daí é tratado como exótico. Bizarro. Primitivo. Como coisa do demônio.

Marcos Ramos: Então, eu cresci e meus interesses pessoais e acadêmicos sempre caminharam paralelo a essa história da minha família, que parece que teve um início, um meio e um fim. E a minha família não vive isso mais.

Tiago Rogero: Pois é, o terreiro da família do Marcos não existe mais. Depois que o avô dele morreu, a avó ainda tocou a casa com a família por mais uns bons anos, mas aí nos anos 2000 eles decidiram encerrar de vez as atividades.

Marcos Ramos: Isso é uma memória que parece pra eles quase uma outra encarnação. Pra mim é algo muito mais presente, porque é algo que se

perpetuou de alguma maneira. Eu não sou uma pessoa religiosa, mas eu sempre estive de alguma forma metido nesse assunto. Eu acho que fica um pouco mais claro o porquê d'eu ter interesse nos modos como esses fenômenos metafísicos, esotéricos, mediúnicos e espirituais se manifestam na esfera pública fizeram e fazem parte da História do Brasil.

Tiago Rogero: O Marcos tem tanto interesse nisso que um dia ele mandou um e-mail pra gente aqui da Rádio Novelo. Ele tava ouvindo um episódio e teve uma ideia.

Marcos Ramos: Me ocorreu, no momento que eu tava ouvindo, que essas histórias que dizem respeito a uma espécie de introdução de aspectos espirituais, mediúnicos e esotéricos, seja lá o nome que quiser usar na vida pública do Brasil; aconteceu em momentos, em vários momentos na História do Brasil, e são histórias muito singulares, muito interessantes, muito curiosas.

Tiago Rogero: E ele listou no e-mail uma série de momentos em que isso aconteceu: fenômenos espirituais habitando a esfera pública no Brasil. E um desses casos chamou muito a nossa atenção.

Mãe Cacilda: Está de parabéns!

Voz masculina: Axé!

Voz feminina: Axé!

Tiago Rogero: O dia em que uma mãe-de-santo esteve nos dois principais programas da TV brasileira.

Mãe Cacilda: Ô, pro Seu Sete, não há mal sem cura! Salve, Saracura!

(várias pessoas): Salve!

Tiago Rogero: E não é que ela só participou, só marcou presença. Num domingo à tarde, a hora em que a família brasileira se reunia na frente da telinha, a mãe-de-santo, o nome dela é Mãe Cacilda de Assis, tava incorporada por um Exu.

Marcos Ramos: Em cena, ali, de alguma maneira a voz e a consciência da Cacilda precisavam dar passagem à voz e à consciência de uma entidade de umbanda. Isso é que se consiste em ser um cavalo. Quer dizer, é um espírito que se apropriaria do corpo dela pra poder falar aos demais. E é preciso sublinhar mais uma vez: o espírito era um Exu. Tradicionalmente associado ao diabo. Isso é um isso não é pouca coisa.

Tiago Rogero: Fumando charuto e bebendo cachaça, o Exu incorporado em Mãe Cacilda participou dos programas do Flávio Cavalcanti, na TV Tupi, e do Chacrinha, na TV Globo. Transformou os dois palcos em extensões do terreiro dela. E tudo ao vivo, um programa seguido do outro. E isso em 1971, em plena ditadura militar, durante a vigência do Ato Institucional Número Cinco, o AI-5, o período de maior censura e violência do regime.

Marcos Ramos: E naquele dia, por onde ela passou com Seu Sete da Lira, as pessoas caíram em transe, bolaram no santo, como a gente diz nos terreiros. Esse episódio gerou uma comoção generalizada e publicou-se a ideia, isso é famoso, um mito, assim, de que a esposa do Presidente Médici também teria entrado em transe e a repressão teria se acentuado em função disso.

Tiago Rogero: E pra contar essa história, aqui o biógrafo de Mãe Cacilda:

Cristian Siqueira: Eu me chamo Cristian Siqueira, sou um sacerdote umbandista e pesquisador de assuntos voltados às práticas afro-religiosas do Brasil. A Mãe Cacilda, ela é natural de Valença, aqui do Rio de Janeiro.

Tiago Rogero: Isso em 1919. Valença é uma cidade que fica numa região chamada "Vale do Café", por causa da quantidade de fazendas cafeeiras, sobretudo no século XIX. A Cacilda morava na zona rural, os pais dela eram pequenos agricultores, e muito católicos.

Cristian Siqueira: Ela começa a caminhada dela muito criança, porque, na verdade, é, como é de praxe pra vários médiuns até hoje, uma vez que a pessoa tem uma tendência mediúnica, ela dá sinais dessa mediunidade já desde muito cedo, às vezes até mesmo em forma de brincadeira. É o que acontecia com ela: ela tinha, por exemplo, vontade de fumar cachimbo, ia pro mato, pegava galho e ficava brincando, sabe lá Deus, nem ela sabia do que que ela tava brincando. Uma vez a mãe dela tava fazendo comida e ela chegou lá e falou pra mãe que queria tomar cachaça. Ela era muito criança, ela tinha menos de 7 anos. A mãe falou: 'Bom, já que você quer tomar cachaça, você toma álcool que tem lá na despensa'. Aí ela foi lá na despensa e pegou a garrafa de álcool e tomou o álcool todo. Aí a mãe ficou desesperada falou: 'Essa menina tá com o capeta no corpo'.

Cristian Siqueira: E aí, dali à frente essa coisa foi intensificando; ela, muitas vezes, conversava com o pai dela como se fosse adulto. 'Ô, seu Nicolau, vai ficar tudo bem, pode ficar tranquilo, tá tudo encaminhando'. Todo mundo ficava muito assustado. A Cacilda, com 7 anos, incorporou Seu Sete definitivamente pela primeira vez.

Tiago Rogero: "Seu Sete" era o nome de uma entidade. De um Exu. Seu, Sete. Existem diferentes Exus, com nomes diferentes, e cada um tem as suas particularidades. E mesmo entre as religiões de matriz africana há diferenças entre os Exus. E isso até na própria definição: na Umbanda, exu é chamado de entidade; no Candomblé, é orixá.

Cristian Siqueira: Com 15 anos, ela já tinha um assentamento do Seu Sete, o que quer dizer ter o assentamento? Ela era já sacerdotisa pro culto, com 15 anos de idade. E de 15 anos, a quando ela vai fazer, por exemplo, 25, ela já tem um terreiro. Então é muito jovem, é muito cedo.

Tiago Rogero: O primeiro terreiro dela foi em Cascadura, que é um bairro da Zona Norte do Rio. Com o tempo, os cultos foram atraindo mais e mais frequentadores, e a casa já não dava mais conta.

Cristian Siqueira: E aí uma vez ele vai lá fazer um trabalho na mata.

Tiago Rogero: Era um sítio numa área rural, mas ainda dentro da cidade do Rio. Na época ainda era rural. Hoje em dia o bairro já tá urbanizado. O nome é Santíssimo, fica na Zona Oeste.

Cristian Siqueira: E chegou lá, ele gostou do sítio e perguntou pro dono se ele estava querendo vender. Daí o dono falou 'Tô querendo vender aqui porque não tô mais gostando'. Aí ele falou 'Então eu compro aqui'.

Tiago Rogero: Quando o Cristian tá falando "ele" aqui, no masculino, ele tá falando do Seu Sete, o Exu que incorporava em Mãe Cacilda.

Cristian Siqueira: Aí todo mundo falou: 'Ai, Seu Sete louco, né, vai comprar acho que esse sítio desse tamanho'. E aí depois que ele desincorporou, a Mãe Cacilda incorporou uma outra entidade chamada Audara Maria e a Audara Maria deu alguns números para o filho dela e pediu pra ele apostar nos números pra comprar o sítio. E aí, no dia seguinte, ele jogou, apostou e foi premiado, ganhou o prêmio e aí ele pegou e comprou o sítio, e aí o Seu Sete afinal ficou com o sítio.

Tiago Rogero: Daí construíram uma estrutura enorme no sítio pra receber os devotos. Porque cada vez chegava mais gente. Só a tenda principal, com uma passarela de mais de 100 metros de comprimento, tinha capacidade pra 2 mil pessoas sentadas. Eram trinta banheiros, lanchonete e uma capela pra Santo Antônio.

Os números nas reportagens da época são um pouco contraditórios, mas muitas delas citam uma média de 20 mil pessoas aos sábados, que era o dia em que Seu Sete comandava a cerimônia. Por causa dessa quantidade de gente, o terreiro acabou conhecido como "Maracanã da Fé".

Cristian Siqueira: 'Maracanã da Fé', porque o mesmo fenômeno de pessoas que nós víamos ao redor do Maracanã para jogos, era possível de ser visto em Santíssimo. E, é, foi o maior terreiro construído até hoje, né? Inclusive não tem nenhum terreiro que tenha a proporção daquilo. De modo tal que, mesmo sendo muito grande, os devotos ainda ficavam pra fora da cobertura. O terreiro era imenso e mesmo assim a lógica dos ritos é que houvesse uma rotação de devotos ao redor da mesa. Então, não cabia todo mundo que ia. E tudo isso dava esse pilar desse nome, o Maracanã da Fé.

Tiago Rogero: As pessoas chegavam da cidade toda, e até de outros estados, pra ver Seu Sete da Lira.

Cristian Siqueira: Eu Sete é quase uma figura folclórica. Esse termo representa tudo o tudo aquilo que ele conseguiu construir em torno da imagem dele na mente social. O Seu Sete é um é tido como uma entidade, um espírito, é, mas, sinceramente, como acabei de dizer, ele se tornou uma, uma coisa fora da ideia espiritualista, se tornou uma, um arquétipo. E é um espírito que se manifestava exatamente em Mãe Cacilda, trazendo valores que são muito próprios da sociedade, em particular da sociedade carioca.

Tiago Rogero: Eram sempre cerimônias muito musicais, com direito a samba, marchinha de Carnaval. Até o Hino de Flamengo tinha. Quando a Mãe Cacilda tava incorporada pelo Seu Sete, ela usava cartola de veludo, fraque e às vezes gravata borboleta. Eram geralmente combinações de preto e vermelho, que são as cores que costumam ser associadas a Exu. E também uma capa com uma lira bordada no meio das costas. O nome dele era Seu Sete da Lira. Lira é aquele instrumento que é meio irmão da harpa, sabe? Parece uma letra "U" com umas cordas no meio. No caso do Seu Sete, a Lira tinha esse significado musical, porque as cerimônias dele sempre tinham muita música; mas tinha também outro significado.

Cristian Siqueira: Lira é um reino da Quimbanda existe, dentro dos cultos de Quimbanda, um reino que é o Reino da Lira. Da mesma forma como na

Umbanda existem, por exemplo, as Sete Linhas, a Quimbanda possui sete reinos. É entre os sete reinos da Quimbanda está o Reino da Lira.

Tiago Rogero: Quimbanda, aliás, é diferente de Umbanda. Resumindo muito e já esclarecendo que é um reducionismo que não dá conta de explicar toda a complexidade da questão, eu diria que a Quimbanda é uma espécie de variação da Umbanda que estaria ainda mais próxima das raízes africanas. Mais pro lado do Candomblé do que pro Kardecismo. Mas é bem mais complexo, e a ideia aqui não é entrar nos pormenores disso. E sim falar da Mãe Cacilda.

Cristian Siqueira: Mãe Cacilda, ela tem um papel muito importante que é trazer a público a tolerância com a ideia do Exu. Porque, até a Mãe Cacilda de Assis ninguém falava de Exu publicamente.

Tiago Rogero: A imagem de Exu sofre muito preconceito, até hoje. Isso não é uma coisa dos dias atuais, embora nos últimos anos essa demonização tenha ganhado ainda mais força com a escalada de casos de ataques de terrorismo, de racismo religioso contra regiões de matriz africana. Exu não tem nada a ver com o demônio. Essa é uma associação que foi feita primeiro pela Igreja Católica, nos tempos do tráfico negreiro e da escravidão, desde as primeiras catequizações forçadas dos africanos e dos seus descendentes. Exu tem a ver com a dualidade. Tem o bem e tem o mal. Tem o sucesso e tem o fracasso. Tem a luz e tem a escuridão. Como os seres humanos. Todo mundo tem dualidade dentro de si.

Cristian Siqueira: Falar de Exu é falar sobre controvérsias, porque o próprio arquétipo dessa divindade é o arquétipo da controvérsia. Exu é aquele que matou o pássaro ontem com a pedra que ele jogou hoje. Ou então Exu é aquele que organiza através do caos.

Tiago Rogero: E na época em que a Mãe Cacilda começa a fazer bastante sucesso no Rio, isso nos anos 1960.

Cristian Siqueira: Exu já era uma figura totalmente negativa. E aí aparece Mãe Cacilda, que é uma mulher vestida com roupas masculinas num palco, falando pra mais de 30 mil pessoas sobre Exu, ela popularizou a imagem de Exu. Nós vamos ver revistas que vão fazer ensaios fotográficos com produtos da marca Seu Sete da Lira. Tem uma revista em particular que coloca modelo com chapeuzinho, colar, camiseta, bolsinha. Porque virou pop a ideia de Exu.

Tiago Rogero: Especialmente de um Exu específico.

Cristian Siqueira: Porque o Seu Sete era tipo o prefeito da cidade, inclusive alguns colonistas vão usar exatamente essa palavra: ele é o 'prefeito' da cidade. Sabe aquela ideia que se tem em alguns eventos, em alguns ritos, inclusive alguns nacionais, estaduais, da entrega da chave da cidade? Tomar a cachaça do Seu Sete em Santíssimo era receber a chave de entrada do Rio de Janeiro pra qualquer famoso ou figura política social que estivesse em visita na cidade.

Tiago Rogero: A cachaça, que nos rituais recebe o nome de marafo, o Seu Sete dizia que era pra “proteger o corpo do médium contra pesadas vibrações presentes no ato das curas”. Porque o Seu Sete dizia que as cerimônias dele eram sempre ações de cura. Essa voz que a gente já colocou pra tocar um pouquinho aqui é a voz da Mãe Cacilda, incorporada pelo Seu Sete, num trecho de uma música que tá num disco que eles gravaram em 1971.

Mãe Cacilda: Eu não sou santo. Não sou Jesus Cristo. E não faço milagre. Todo meu trabalho de cura, que faço aqui, nesta casa de caridade, eu também sou um pagador de missão

Tiago Rogero: A Mãe Cacilda chegou a ter músicas gravadas por uns sambistas bem famosos, como o Jackson do Pandeiro ou os Demônios da Garoa.

Cristian Siqueira: Quando nós fomos desenvolver a pesquisa pro Seu Sete da Lira, eu fiquei muito assustado, porque, eu não imagino como não era uma história lembrada, eu não imaginava que ele fosse tão conhecido como ele era conhecido, então eu tive uma dificuldade pra fazer pesquisas em jornais, por exemplo. Porque Seu Sete e Mãe Cacilda estavam nos jornais todas as semanas. E aí eu pensava: 'Meu Deus, já acabou'; não, tem mais jornal; 'Já acabou!'; não, tem mais jornal; 'Já acabou!', não tem mais... É muito, muito, muito, muito, muito registro. A impressão que me dava é que me dá até hoje é que eles eram tipo influenciadores da sua época.

Tiago Rogero: Tinha adesivo do Seu Sete espalhado pela cidade do Rio, colados nos carros, por exemplo. O terreiro do Santíssimo, o Maracanã da Fé, era frequentado por famosos, por políticos.

Dia desses, o professor Luiz Antonio Simas postou no Instagram a capa de uma edição do jornal "Luta Democrática", de 1971. Dizia lá a manchete: "Para tirar o encosto e melhorar a pontaria, Pelé vai a Seu Sete". É que o rei do futebol tava vivendo uma seca de gols – tava há sete jogos sem marcar. Coincidência ou não, a relação de gols marcados pelo Pelé mostra que, no dia seguinte a essa reportagem, teve um jogo e ele voltou a fazer gol. Mas eu não consegui confirmar se o Pelé de fato esteve no terreiro. O jornal só informou que ele iria. Bom, mas um dia, naquele mesmo ano, chegou ao terreiro um apresentador de TV.

Voz masculina: Atenção, Brasil. Com vocês, o mais completo comunicador da televisão brasileira: Flávio Cavalcanti!

Flávio Cavalcanti: Boa noite, Brasil!

Tiago Rogero: Talvez você nunca tenha ouvido falar no Flávio Cavalcanti, porque ele morreu nos anos 80, mas, naquela época ele era tipo o Silvio Santos. Aliás: foi o Silvio Santos o responsável pela ida do Flávio Cavalcanti no terreiro.

Cristian Siqueira: Toda essa situação começa por conta do programa do Silvio Santos, que o Silvio Santos lança críticas.

Tiago Rogero: O programa do Silvio Santos era na TV Globo, em São Paulo. Na semana anterior, ele tinha enviado uma equipe de reportagem pro terreiro da Mãe Cacilda, no Rio.

Eu pedi pra TV Globo a gravação, mas a resposta foi que infelizmente eles não têm nada do programa Silvio Santos arquivado porque muita coisa se perdeu num incêndio naquela época. Então eu vou citar um trecho de uma reportagem da revista "O Cruzeiro". Diz lá que, no tal programa, o Silvio recebeu líderes do candomblé baiano para falar sobre a figura institucional de Seu Sete da Lira, a maior liderança umbandística do Brasil.

Daí o texto continua: Imprensando os convidados com perguntas marotas, Silvio obteve respostas condenatórias à missão de caridade de Seu Sete, cuja imagem, mal interpretada pelos entrevistados, sofreu distorções grosseiras. O fato cresceu na opinião pública, revoltando o povo de Umbanda.

Cristian Siqueira: E aí o Flávio aproveita da deixa pra poder explicar isso a nível nacional.

Tiago Rogero: Na quarta-feira seguinte, o Flávio Cavalcanti, que tinha um programa também aos domingos, mas na TV Tupi, no Rio, foi até o terreiro e convidou a Mãe Cacilda e o Seu Sete pra participarem do programa dele.

Cristian Siqueira: Só que a Mãe Cacilda era absurdamente discreta. Quem vê essa divulgação toda em torno do nome dela não imagina o quanto que ela era discreta. E quando Seu Sete aceitou ir no Flávio Cavalcanti, ela ficou muito desesperada. Mas, por fim, o Seu Sete incorporou. E aí quando é divulgado que ele vai pro Flávio Cavalcanti, o Chacrinha fica sabendo e entra em contato com o sítio dizendo que se ele ia no Flávio ele também ia ter que

ir no Chacrinha, porque o Chacrinha já tinha se manifestado a favor de Seu Sete no jornal e ninguém tinha levado ele lá.

Tiago Rogero: O programa do Chacrinha era na TV Globo e ele e o Flávio eram concorrentes ferrenhos: eles disputavam cada ponto de audiência.

Cristian Siqueira: E aí fica acertado entre a Dona Luzia de Assis, a filha dela, que é o braço-direito dela, e o Chacrinha, que se ele fosse no Flávio, ele iria no Chacrinha.

Tiago Rogero: E assim foi: num domingo, 29 de agosto de 1971. E o detalhe é que, naquele dia, o Silvio Santos voltou a falar de Mãe Cacilda no programa dele.

Cristian Siqueira: No mesmo dia, nos três maiores programas nacionais. E os três falaram do Seu Sete no mesmo dia.

Tiago Rogero: E, olha, eu não quero cortar o seu barato, mas infelizmente o meu barato também foi cortado. A gente procurou por essas gravações e não encontrou; o Cristian, biógrafo de Mãe Cacilda, procurou e também não encontrou. Talvez um dia essas gravações apareçam. O que a gente tem são as fotos, e você também consegue ver elas lá no site da Rádio Novelo; a gente também tem os relatos, as reportagens e tudo mais.

E o Cristian, além de ter lido tudo quanto é matéria que saiu em jornal e revista sobre as apresentações, ele também entrevistou algumas testemunhas oculares. E no livro ele recriou a ida do Seu Sete à TV.

Cristian Siqueira: Ele não fez nada que não fosse aquilo que ele fazia no terreiro. Ele chegou lá com cachaça, charuto, vestido, cantou, bebeu cachaça, fumou charuto e rezou. A participação dele no programa foi exatamente essa. Ele fez uma apresentação do que ele fazia no terreiro.

Tiago Rogero: Nos dois programas foi assim. E aí aconteceu uma coisa.

Cristian Siqueira: A verdade é que muitas pessoas incorporaram nos estúdios de TV, como também em casa.

Tiago Rogero: Outras pessoas, pessoas que não tinham ligação nenhuma com o terreiro, começaram a incorporar, a receber entidades.

Cristian Siqueira: Inclusive no programa do Chacrinha foi um reteté, né? Porque as chacretes começaram a cair incorporadas.

Tiago Rogero: "Chacretes", pra quem não sabe, eram as dançarinas do Chacrinha. E o que se dizia na época é que não parou por aí. Que algumas pessoas que tavam vendo em casa pela TV também começaram a incorporar. Foi aí que surgiu o boato de que, entre essas pessoas, estaria a esposa do então presidente da ditadura, o Emílio Garrastazu Médici. Segundo esse boato, os dois tavam em casa vendo TV. O Médici teria ficado indignado com aquilo que tava vendo ao vivo, mas daí a dona Scylla, esse era o nome dela, Scylla, ela teria incorporado e dito pra ele pra não mexer com Seu Sete. Não existe comprovação nenhuma de que isso aconteceu, tá? Eu tô citando aqui só pra dar um exemplo desse imaginário que foi construído em torno desse dia.

Cristian Siqueira: O mito é próprio do fenômeno. Ou o fenômeno é próprio do mito, não tem como a gente separar esses dois elementos.

Tiago Rogero: Fato é que esse dia terminou e a Mãe Cacilda voltou pra casa, pro terreiro. Mas a vida nunca mais seria a mesma.

Cristian Siqueira: E o Seu Sete, antes de acontecer essa ideia dele ir lá pra TV, ele já falava que os tempos no terreiro iam mudar, que as pessoas, elas iam passar por uma-uma prova no terreiro e que ia ficar com ele apenas quem fosse verdadeiro. Quando ele foi na TV, no primeiro rito após a ida, ele pegou e

falou: 'Vocês se lembram da campanha negativa que eu dizia que ia acontecer? Pois bem, ela tá aí'. Então eles já sabiam que os frutos dessa situação toda poderiam não ser assim 100% positivo. E foi o que aconteceu.

Tiago Rogero: Teve uma chuva de reclamações à Censura federal, da ditadura. A Igreja Católica classificou o que aconteceu como “histerismo coletivo, inclusive de convulsões de transes nalgumas pessoas fracas que precisaram ser socorridas”. Os jornais começaram a noticiar que a Censura pretendia aplicar uma suspensão aos programas do Chacrinha e do Flávio Cavalcanti. Até algumas entidades de Umbanda criticaram a ida da Mãe Cacilda aos dois programas.

Cristian Siqueira: A grande discussão que se tinha na época era descobrir, afinal, o que que Seu Sete era, porque ele não se enquadrava na época, não se falava muito em Quimbanda. Não era Umbanda porque Umbanda não fazia aquilo. Quando aconteceu toda a situação, os órgãos representativos se preocuparam em dizer que ele não era Umbanda, mas ele sempre afirmou que a prática dele era umbandista. Eles vão emitir notas contrárias, mas isso não é generalizado, porque na verdade existem muitos órgãos representativos; alguns foram a favor e outros foram contra.

Tiago Rogero: Pra se antecipar a uma possível punição, a Rede Tupi e a TV Globo decidiram assinar conjuntamente um protocolo de autocensura. O texto dizia que, a partir daquele momento, estaria expressamente proibido apresentar quadros, fatos ou pessoas que “sirvam para explorar a credence ou incitar a superstição, bem como falsos médicos, curandeiros, ou qualquer outro tipo de charlatanismo”. E uma coisa importante pra lembrar é que foram as TVs que procuraram a Mãe Cacilda. Foram elas que forçaram essa superexposição da mãe-de-santo. Jogaram um mega-holofote sobre ela.

Bom, fora o tribunal da opinião pública, o terreiro nunca chegou a sofrer nenhuma perseguição direta dos militares. Mas, com o tempo, o número de frequentadores foi caindo, caindo...E a Mãe Cacilda nunca mais participou de um programa de TV.

Cristian Siqueira: A Mãe Cacilda se manteve em Santíssimo até o final da vida, inclusive trabalhando com o Seu Sete da Lira. Até 2002 ela estava trabalhando. Se você fosse lá em Santíssimo, era possível ver o Seu Sete ainda incorporado.

Tiago Rogero: A Mãe Cacilda morreu em 2009, aos 90 anos. O que me chamou a atenção nessa história, além do fantástico da coisa, é o fato de que houve um tempo no Brasil, não muito tempo atrás, em que um terreiro de religião de matriz africana recebia tanta gente e fazia tanto sucesso que era chamado de Maracanã da Fé.

Eu não sei se você tem acompanhado os casos de ataques a terreiros, mas nos últimos anos a perseguição e o racismo religioso têm sido brutais no Brasil. E houve um tempo em que uma mãe-de-santo podia incorporar uma entidade ao vivo nos dois principais programas da TV aberta brasileira. Foi por isso que eu fui atrás do Marcos Ramos, o professor e ouvinte que sugeriu pra gente a história de Mãe Cacilda. O Marcos, como ele contou mais cedo, é pesquisador das culturas da diáspora africana no Brasil.

Tiago Rogero: Você consegue imaginar algo como o que ela fez nesses dois programas sendo feito hoje na TV aberta?

Marcos Ramos: Não, não consigo. Não consigo imaginar. O que acontecia ali era uma negociação cultural muito clara. Desde os anos 30 em que como há um crescimento exponencial dessas manifestações, inclusive no espaço público, seja através da indústria fonográfica e, mais tarde, através da televisão. É o que está em jogo ali é um projeto de construção da identidade do Brasil. Só que há termos que devem ser respeitados dentro dessa, é, construção identitária. Quem coloca os termos dessa negociação cultural, historicamente no Brasil, foi a branquitude. Quer dizer: faz parte dessa negociação o processo de branqueamento dessas manifestações.

Tiago Rogero: Aliás, uma coisa importante que faltou dizer sobre a Mãe Cacilda é que ela não era negra. O biógrafo dela, o Cristian, entende ela como parda, mas por ter uma descendência indígena, não africana ou afro-brasileira. Ela não era afro-brasileira, mas ela era líder de uma religião afro-brasileira, o que de certa forma é relativamente comum. E se tem uma religião que nunca teve liberdade pra existir no Brasil; na verdade umas religiões, né, porque elas são diversas; são as religiões afro-brasileiras.

Marcos Ramos: A grande questão é que Cacilda e outros que foram, de alguma maneira, até algum tempo tolerados dentro desse sistema, eles esticaram demais a corda.

Tiago Rogero: Esticaram demais a corda.

Marcos Ramos: E o que aconteceu é que eles foram expelidos. O que aconteceu durante os anos 30 é que houve uma associação muito grande entre as ditaduras que teve no Brasil e a Umbanda. Mas não qualquer umbanda. Uma umbanda branqueada, evidentemente. Então criou-se mitos de formação dessa religiosidade e que ingredientes cada vez mais europeus eram colocados ali, eram somados ali. Quer dizer, a umbanda foi, em grande medida, a dimensão religiosa de um pacto social que tinha como mito fundacional a relação harmoniosa de três raças.

Tiago Rogero: O mito das três raças na formação do Brasil: branca, negra e indígena.

Marcos Ramos: Só que, claro, a gente sabe: é um mito e que, dentro dessa receita, o ingrediente branco, ele era o mais fundamental. E vai se criar ali todo um discurso do que seria então a umbanda enquanto uma religião brasileira, e que, até certo ponto, vai ser permitida nos espaços públicos. Só que acontece é que, a meu ver, é que algumas pessoas esticaram demais essa corda. E elas foram expelidas desse lance. A meu ver, o que aconteceu com Cacilda de Assis foi um pouco isso e aconteceu com outros também.

Hoje, acho que esse tipo de manifestação religiosa em torno da umbanda, com uma pessoa indo a uma TV, com um represe como "cavalo" de uma entidade que se denomina um Exu, acho isso uma experiência muito pouco provável no país que a gente vive hoje.

Tiago Rogero: Isso é bem desanimador, eu sei, mas ao mesmo tempo tá acontecendo uma coisa bem interessante nos últimos anos. Está rolando uma espécie de movimento de tomada de controle da narrativa.

Marcos Ramos: Do ponto de vista, por exemplo, da canção, a gente vê que essas canções, que hoje são tão... a gente escuta o tempo todo, canções que citam orixás, canções que citam inquices, voduns, caboclos etc. Isso toca no rádio. A Anitta vai na televisão e fala que é adepta às religiões afro-brasileiras, que dizer. Esse tipo de relação que existe com as religiões sempre existiu, isso não é uma novidade. Pra mim, o que aparece é hoje a diferença é a intencionalidade disso. Quando Fabiana Cozza grava um disco, vai na televisão e diz que o disco dela é uma trincheira poética antirracista, um manifesto antirracista.

Fabiana Cozza: Laroyê, agô, Exu Odara / Senhor da alegria rara / Dono do corpo que samba / Mojuba ô, Elegbara!

Marcos Ramos: O que tá colocado é que a gente tem um contexto de desencantamento das narrativas que diziam respeito aos mitos de democracia racial, e isso hoje tá colocado de uma maneira muito radical, em que essas músicas elas têm um compromisso e uma consciência muito clara de que, ao cantar Iemanjá, ao cantar Oxum, ao cantar Xangô ou ao cantar os inquices do Candomblé de Angola ou ao cantar os voduns do Candomblé Jeje, o que eles estão fazendo é devolver uma dimensão política aos mitos e aos ritos que foram, ao longo dos anos no Brasil, não excluídos radicalmente, porque o Brasil não é simples, não foram excluídos, mas eles foram despotencializados da sua dimensão política.

Fabiana Cozza: O adê do rei é o mariô / Alakorô, o Onirê guerreia / Nkosi Mukumbi é banto, o Gun é fon / E mora na lua cheia.

Marcos Ramos: E o que se passa agora, a meu ver, é justamente que a partir dessa consciência muito radical, muito mais clara de desencantamento desses mitos de uma democracia racial; quer dizer, a consciência radical de que nós vivemos numa sociedade construída sob o signo da violência de um racismo estruturante, essa consciência faz com que essas pessoas hoje que dialoguem com essas culturas, que partem dessas culturas, que têm essas culturas afro-diaspóricas como seus fundamentos civilizatórios, elas não mais se coloquem publicamente insuflando, digamos assim, uma narrativa de harmonia. Mas, pelo contrário, se colocando como uma voz, um cavalo — mais uma vez a gente usa essa expressão —, um cavalo de uma ancestralidade que retorna de uma maneira muito política, intencionalmente política.

Mãe Cacilda: Está de parabéns!

Voz masculina: Axé!

Voz feminina: Axé!

Branca Vianna: Esse foi o Tiago Rogero, gerente de criação da Novelo.

Se você gostou dessa história e ainda não ouviu os outros podcasts do Tiago, eu recomendo fortemente que você procure o Projeto Querino e o Negra Voz — que tão em todos os aplicativos — e o Vidas Negras, que tá no Spotify.

Aqui no Rádio Novelo Apresenta, a gente procura não trazer histórias tão parecidas dentro do mesmo episódio. Mas às vezes acontece de as histórias irem ao encontro umas das outras, de jeitos inesperados.

O Emerson Saboia, que é repórter no Recife, trouxe pra gente uma história carnavalesca que se passa em 2020. Mas, quando ele começou a se aprofundar na pesquisa, ele foi parar em 1972 – que é o ano seguinte daquela apresentação da Mãe Cacilda. E o estado alterado de que o Emerson tava querendo falar também acabou pisando no calo da ditadura, pra variar.

Mas eu vou deixar ele contar o resto.

ATO 2

Emerson Saboia: Quando você pensa no Carnaval, que que vem na sua cabeça? Festa, música, beijar na boca, ok. Mas as chances são grandes de você ter pensado também em alguma substância pra embalar a folia.

Loló, cerveja, vinho barato, aquelas misturas que são a cara dessa época do ano, tipo o axé aqui em Pernambuco, que é uma bebida de origem africana com mais de 20 ervas secretas. Ervas. Tá aí um verdadeiro baluarte do Carnaval: a erva, a cannabis, o verdinho, a ganja – ou a massa, que é a maconha pernambucana. E se esse pilar onde o festejo tá baseado – sim, foi um trocadilho – se esse pilar tá ameaçado às vésperas de um carnaval histórico, é porque a gente tá vivendo uma espécie de estado alterado.

Eu vou explicar. No fim de 2019, enquanto uma província chinesa chamada Wuhan enfrentava uma gripe, a Polícia Federal e a Polícia Rodoviária Federal pernambucanas tavam comemorando a derrota de um outro inimigo.

Um milhão cento e oitenta mil pés de maconha foram destruídos naquele ano, e mais 10 mil iam ser eliminados até meados de janeiro de 2020. Isso no sertão do estado, bem no momento em que a expectativa pro maior carnaval de rua do mundo, nas ladeiras da cidade de Olinda, atingia o ápice. Afinal de contas, a festa daquele ano já tava ameaçada pela crise sanitária do outro lado do planeta.

E com esse cenário, não demorou muito pro ânimo descontrolado característico do Carnaval se misturar com a notícia de que a maconha tava sendo “erradicada” do Estado. E eu falo “erradicada” porque a polícia usou esse termo mesmo. Não deu outra: era um Carnaval sem maconha. Na verdade, quase sem maconha. Inacreditável. E tão perto do fim do mundo. Agora: crise, a gente sabe, é um prato cheio pra artista. E quem chutou essa bola quicando – de carnaval sem maconha à beira do apocalipse – foi o Neco Tabosa.

O Neco é roteirista, produtor, diretor e maconheiro. Mas eu quis falar com ele por causa de uma história em quadrinhos que ele produziu – e que tem como pano de fundo a seca da massa no isolamento social, lá no comecinho da pandemia consequência do carnaval quase sem maconha. A HQ chama "Cara Caramba Cara Caraô" – emprestado do sucesso do Chiclete com Banana.

Neco Tabosa: A gente é ruim de título. Cara Caramba Cara Caraô é uma música do Chiclete com Banana, do Bel Marques. Mas foi o mais paspalho que a gente conseguiu na época, porque tava todo mundo de cara e acabava cantarolando: “Cara caramba cara caraô”.

Emerson Saboia: Quando a gente conversou, o Neco fez questão de começar a falar desse carnaval a partir de um personagem importante da época.

Neco Tabosa: Quem era o Ministro da Justiça no segundo semestre de 2019? Era aquele homem sem caráter e sem lábios, o Sergio Moro. Ele tinha aceito o convite do Jair Bolsonaro pra ser Ministro da Justiça e começar a organizar o país Brasil pelo transporte da maconha. E aí a primeira coisa que ele ia organizar. Isso é tão patético quanto ineficiente.

Emerson Saboia: De fato as políticas que o governo adotou naquela época eram bem mais espalhafatosas do que eficientes. Enquanto em Pernambuco a maconha era destruída direto nas plantações, o plano a nível nacional tentava embarrear ela nas fronteiras, durante o transporte mesmo.

Neco Tabosa: Sérgio Moro aparece no vídeo com um Dodge Carter do narcotráfico pego em Manaus, e a PRF gastou milhões de reais em tinta acrílica, pintaram os carros e isso era uma matéria.

Emerson Saboia: É muita coisa bizarra nessa época virava matéria. Esse Dodge que o Neco mencionou era na verdade um Dodge Challenger. Era um carro superesportivo e com uma cara de veículo de fuga de filme policial da Tela Quente. A PRF do Paraná apresentou ele em novembro de 2019 como um reforço pro combate ao narcotráfico oriundo do Paraguai. Era um carrão com um motor 5.7 V8 e uns 370 cavalos de potência. Uma dessas surrealidades que só aconteciam no governo Bolsonaro. Mas voltando pra maconha.

Neco Tabosa: E foi assim, que duas semanas antes do Carnaval de 2020, eu não tinha onde comprar, como muita gente do meu círculo de amizade estava sem saber. Os antigos indivíduos que faziam esse transporte e vendavam sem, não estavam sabendo o que tinha acontecido. Quando apareceu, era muito cara, não era o fumo bom que a gente costumava fumar em Recife. Eram os mais fortes, uns hashes, uns verdinho, um negócio diferente, caro pra caralho.

Emerson Saboia: E tava caro mesmo. Além da lei nacional de políticas públicas sobre drogas de 2006, tem outra lei que sempre regeu o consumo dos maconheiros: a lei da oferta e procura. Era maconha que antes custava menos de 150 reais agora custando quase mil reais. Teve gente comprando outras variações da droga, tipo o haxixe, que vem do óleo da cannabis – ou gente que apelava pra maconha que vinha de fora do país. Um contrabando que os 370 cavalos do Dodge Challenger deixaram passar na fronteira. Esse aí o Neco não curte muito, não.

Neco Tabosa: Tem uma matéria do Alexandre Matias que é indo lá. Ele foi até o Paraguai onde prensam a maconha, as coisas horríveis que juntam naqueles blocos. É muito ruim. Eu queria conseguir um negócio de melhor

qualidade. Quando eu vi a matéria eu fiquei: “Meu deus, por que eu fumo isso.”
É preocupante.

Emerson Saboia: A matéria na verdade é do Matias Maxx pra Agência Pública – ela tá lá linkada no site da Rádio Novelo – e, sério, que negócio assustador. Dá pra entender por que, mesmo na seca, o Neco recusa uma maconha que, de brinde, pode ter resíduos de secreções animais, insetos, bactérias, fungos.

Daí, juntando essa péssima qualidade da maconha disponível e a dificuldade pra encontrar alguma coisa decente pra fumar, outras drogas apareceram pra preencher essa lacuna.

Neco Tabosa: Eu tinha pouca maconha, meus contatos não conseguiam vender, e muita gente tinha opções, né? Rolou muito MDMA, eu acho, nessa época. E não dá pra saber o que é aquilo no saquinho.

Emerson Saboia: O MDMA, que o Neco tá falando, também é chamado de ecstasy ou de bala, que é uma droga sintética que vem num comprimido ou solto num saquinho plástico, e tem um efeito bem diferente do da maconha. Mas além da bala, tinha história até de boca de fumo vendendo remédio controlado pra compensar a seca de maconha. Tarja preta mesmo, vendidos nas periferias, onde o pessoal não tinha mil reais pra gastar em maconha. Medidas drásticas.

E, veja bem, eu não quero dizer que a quase falta de maconha abriu margem pro consumo de outras drogas, ou que a cannabis é uma porta pra outras substâncias – como os críticos da legalização costumam argumentar. Era véspera de carnaval, as pessoas já iam usar qualquer coisa, mesmo. Acontece que a maconha saiu dos planos pela dificuldade de encontrar. Então era um esquema de “não tem tu, vai tu mesmo”. Se não tem maconha, vai de outra droga. Principalmente o álcool, né, o entorpecente legalizado. Mas essa procura massiva e meio desesperada pela maconha no carnaval de 2020 – afinal de contas tem gente que usa ela pra outros fins que não os recreacionais – me deixou bem intrigado. E eu falo como alguém que vai pra Olinda todos os dias do Carnaval, da sexta até a terça.

Essa festa tem uma energia de escapismo mesmo, fuga da realidade, uma busca, programada durante todo ano, que culmina nessa alteração totalmente voluntária dos sentidos. A maconha é tão parte do carnaval de Olinda como qualquer outro elemento que tá ali. A erva divide lugar com os estandartes, com as marchinhas, com os frevos, com as fantasias. É como o Neco me disse: "Já é esperado".

Neco Tabosa: A gente pressionou a polícia nas ruas e tal. Você consegue descer e fumar um baseado na via pública. No Carnaval você é capaz de ser chamado atenção se não tiver fazendo um baseado em praça pública numa tarde de sol, né? É uma coisa esperada e que todos vão fazer e quem fizer não vai ser recriminado. Pessoas que nunca fumaram vão dar um pega, vão se permitir experimentar. O Carnaval é um momento muito rico. Na América Latina, no Brasil, no nordeste. Sem carnaval a gente já tinha tomado a sede do poder de um jeito mais propositivo que desse último ataque aí.

Emerson Saboia: Por isso que, prum povo que já tava vivendo num regime que flertava com o autoritarismo, e com uma doença meio misteriosa chegando no ocidente, esse carnaval tava pra lá de catártico. Até eu, mesmo sendo meio careta, e não sendo sequer pernambucano - apesar de morar no Recife quase metade da minha vida - me peguei sintonizado com a energia alterada daquele carnaval.

Não sei se você já ouviu falar do "Verão da Lata". É um episódio famoso da história dos maconheiros brasileiros. Na virada de 87 pra 88, mais de 22 toneladas de maconha, distribuídas em mais de 10 mil latas, começaram a atracar nas praias principalmente entre os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.

O país tava vivendo a redemocratização, virando uma página sombria da história, e aquelas latas, chegando do mar, pareciam um brinde pra celebrar os novos tempos. Mais tarde se descobriu que as latas tinham sido jogadas de um navio narcotraficante que tentou se desfazer da carga ilegal antes de atracar no Brasil pra reparos, mas isso não importa aqui pra nossa história.

O que importa é que, desde que começou a se espalhar a notícia da seca de maconha em 2020, eu só conseguia pensar que a gente ia viver um "Verão da Lata" às avessas e que esse também era um sinal dos tempos. Dos tempos sombrios que o Brasil tava vivendo.

E agora, com a coisa se normalizando – com o Bolsonaro perdendo a reeleição, depois de o pior da pandemia já ter passado – bate na madeira! – eu me peguei pensando de novo nesse carnaval esquisito, comecei a pesquisar e eis que, no meio da pesquisa sobre o "carnaval sem maconha", eu esbarro em outro "carnaval sem maconha". O ano era...

Bolsonaro: Os anos de 1972, Presidente Emílio Garrastazu Médici.

Emerson Saboia: Obrigado, Bolsonaro. Nesse ano, de 72, o extinto jornal pernambucano Diário da Manhã alertava, numa manchete gigante na capa: CARNAVAL NÃO TERÁ MACONHA. Não era premonição. Era uma primeira versão dessa "intentona da desmaconhização", quase meio século antes.

A matéria dizia assim: “No sentido de evitar o máximo o uso e o tráfico de entorpecentes, principalmente da maconha, o delegado de costumes Genivaldo da Fonseca reuniu-se com os policiais lotados no setor de repressão ao tóxico, dando-lhes instruções rigorosas a serem cumpridas durante os festejos carnavalescos”.

Não sei você, mas o cargo de “delegado de costumes” me chamou a atenção. A missão do doutor Genivaldo era garantir que tudo que comprometesse a moral e os bons costumes – tipo a maconha – fosse investigado, reprimido. Coisas da ditadura, coisas do estado alterado que o Brasil vivia.

Eu não consegui encontrar dados específicos sobre a oferta da maconha em 72, e se ela deu conta da demanda, mas fato é que a repressão não funcionou. Porque só três anos depois dessa manchete, em 75, nasceu o primeiro bloco de carnaval do Brasil dedicado a celebrar a maconha: O "Segura a Coisa".

Okki: O "Segura a Coisa" é uma história que reúne tudo. Cultura, feminismo, antirracismo.

Emerson Saboia: Cultura, feminismo antirracismo. E maconha. Esse que tá falando é o Okki Das Olinda – ou só Okki, como ele prefere ser chamado. Hoje ele é um dos organizadores do bloco, que ele frequenta desde criancinha.

Okki: Quando o bloco foi fundado, eu tinha nove anos. No início eu não entendia muito, ia mais pela "gréa", pela irreverência de sempre tá provocando a polícia, soltando gracinha. Achava assim: dinâmico. A história de Olinda, muito ligado a cultura.

Emerson Saboia: O Okki me contou que a fundação do bloco fazia parte de um caldo cultural que lutava por mudanças estruturais na lei de drogas naquela época. E que, mesmo com toda a repressão, Olinda era uma Amsterdã brasileira – o que faz até sentido pela história que a cidade tem com a invasão holandesa. Tanto assim que o Okki me disse que ele sofreu até bullying por só ter fumado maconha depois de adulto.

Okki: Pra falar a verdade, eu vim fumar com quase quarenta anos. Eu sofria bullying na cidade por não fumar. A verdade é essa. Era defeito não fumar. Um defeito que a pessoa tinha era não fumar em Olinda.

Emerson Saboia: Se, nos círculos mais progressistas, era gafe não fumar, a rua não era tão prafrentex assim. E a coisa ficava tensa quando o bloco saía na rua. Nem tinha como ser diferente. Os primeiros carnavais do "Segura a Coisa" foram logo depois dos anos de chumbo, o momento mais sombrio da ditadura. Quer dizer: a violência policial corria solta pra acabar com a alegria.

Okki: Nem sempre o desfile acabava, diversas vezes foi dispersado o desfile do bloco. Repressão pesada mesmo. Já houve até tiroteio, essas coisas todas. Tudo aquele kit repressão normal da década de 70, 80.

Emerson Saboia: "Normal" foi eufemismo. A gente lembra – e tem que lembrar pra sempre – o que foram aqueles anos, ainda mais no caso do Segura a Coisa, que reunia e reúne mulheres, negros, LGBTs. Essa galera com maconha na mão não podia ser um alvo mais preciso pra polícia, como até hoje ainda é.

O Okki me contou que a coisa só foi ficar mais tranquila pros movimentos pela legalização da maconha quando o Supremo Tribunal Federal decidiu, lá em 2011, que esses atos são um exercício da liberdade de expressão.

Mas eu fui procurar o Okki pra saber de 2020, pra saber como é que tinha sido essa "seca" de maconha num Brasil que já tava "redemocratizado" fazia quase 40 anos. Como é que o "Segura a Coisa" – um bloco que tem a maconha como bandeira – lidou com a escassez? Eu tinha preparado o espírito pra ouvir um épico, de uma retomada da luta histórica, de uma renovação do espírito revolucionário, todos juntos por uma causa, então a resposta que o Okki me deu me deixou meio frustrado.

Okki: Normal. Acalmado, apesar de que com a falta a calma desaparece. Mas a gente se superou, conseguimos botar o bloco na rua e conseguimos fazer o "fumacê", não como gostaríamos de fazer, mas foi o possível.

Emerson Saboia: Quer dizer: todo mundo se ajudou, emprestou um pouquinho ali, economizou aqui, e o bloco desfilou. Apesar de tudo, do estardalhaço, das manchetes, da propaganda do governo, teve maconha em 72. Teve em 2020. E apesar de tudo, foi tranquilo. Pensando bem, faz todo o sentido que a revolução maconheira seja assim. Bem tranquila.

Branca Vianna: Esse foi o Emerson Saboia, colaborador da Rádio Novelo. Obrigada por ouvir o Rádio Novelo Apresenta. Se você ouviu esse episódio, mas ainda não tá seguindo o Rádio Novelo Apresenta no seu tocador de podcast preferido, aproveita

e faz isso já. Assim você não perde nenhum episódio e a gente vai estar contigo toda quinta-feira.

Se você puder avaliar a gente também, escrever uma resenhinha ou dar cinco estrelas, também ajuda demais. E se o Rádio Novelo Apresenta te deu alguma história boa pra contar na mesa do bar, não deixa de dar o crédito e espalhar a palavra do programa.

No nosso site, radionovelo.com.br, você consegue ver material extra pra cada episódio que a gente solta. Pra essa semana, tem fotos da Mãe Cacilda no Maracanã da Fé e também no programa do Flávio Cavalcanti. E tem links pra matéria da Agência Pública que o Emerson mencionou, sobre a maconha paraguaia, e uma ótima reportagem do Marco Zero sobre o caso do carnaval sem maconha. E, quando você passar lá no site, aproveita pra assinar também a nossa newsletter.

Se você quiser mandar uma história pra gente, o nosso e-mail é apresenta@radionovelo.com.br. Você também pode só marcar a gente nas redes, no arroba radionovelo.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Toda quinta-feira tem episódio novo. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre. A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise e a Évelin Argenta. As produtoras da nossa equipe são Bárbara Rubira, Gabriela Varella, Júlia Matos e Natália Silva. A Paula Scarpin fez o desenho de som. A checagem deste episódio foi feita pelo Gilberto Porcidonio. A Mariana Leão colaborou na montagem. Nesse episódio, a gente usou música original Pedro Nêgo, Chico Corrêa e Blue Dot. As músicas tocadas aqui no segmento da Mãe Cacilda foram "Sete na Lira", de Cacilda de Assis e Osvaldo Silva, interpretada por Cacilda de Assis pela gravadora Odeon em 1971; "É tarde demais", de Luiz Carlos e Elias Muniz, interpretada pelo Raça Negra pela gravadora RGE em 1995; "Bravum de Elegbara" e "Ogã de Ogum", ambas

de Moyses Marques e Luiz Antonio Simas, interpretadas pela Fabiana Cozza pela gravadora Agô Produções em 2020.

Este episódio usou áudios de TV Tupi e TV Globo. O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela FêCris Vasconcellos e pela Bia Ribeiro. O Eduardo Wolff é responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais, e o design das nossas peças é do Gabriel Medeiros e da Laura Camaratta.

Obrigada, e até a semana que vem.